

O poveiro

João Francisco Marques tinha raízes piscatórias que nunca esqueceu e de que se orgulhava, as quais estão na base de muitos dos seus escritos, de causas e projetos em que se envolveu.

Os poveiros viam nele o colega de escola, o padre, o professor (que o foi também no Liceu e na Escola Industrial locais), o adepto apaixonado do Varzim (capitaneou as comemorações do seu cinquentenário e estava convocado para as do centenário), defensor de um poder local democrático e da sua terra. Foi, entre 1976 e 1985, diretor do Museu Municipal, que em 1980 recebeu, em Londres, o Prémio Europeu para a melhor exposição temática, sobre as siglas poveiras – que ele próprio concebeu e dirigiu.

Colaborador do semanário

"republicano" *O Comércio da Póvoa de Varzim* (cujo conselho editorial integrou até deixar de circular, em 2011, no 107º ano de publicação) e da revista *Boletim Cultural*, em que publicou estudos fundamentais sobre a história da Póvoa, organizou colóquios e presidiu a comemorações evocativas de poveiros ilustres (Santos Graça e Rocha Peixoto), dos 100 anos da Igreja da Misericórdia, etc. E, além de apoiar e incentivar outros investigadores locais, promoveu ainda a reedição de obras relevantes da bibliografia poveira, através da chancela do município, com imprescindíveis prefácios seus.

Participante ativo da antiga tertúlia do Diana-Bar, em torno de José Régio, com Manoel de Oliveira,

Agustina Bessa-Luís, Flávio Gonçalves, Luís Amaro e outros, nos últimos anos fazia do Lota-Café o seu espaço de trabalho e de encontro com aqueles que o procuravam – vivência que em breve será eternizada através da colocação de uma placa. No sítio da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na internet, está disponível a sua bibliografia ativa e passiva, bem como uma biografia.

Homenageado pela Câmara Municipal em 1995, o prof. João Marques continuará entre nós, na ligação da sua terra ao mar e aos pescadores, na mensagem que passou aos novos historiadores poveiros e na sua monumental obra sobre Vieira. No final de fevereiro, nas Correntes d'Escritas, após a sua última e brilhante lição, desabafou: "Agora, posso morrer descansado!".

LUÍS DIAMANTINO CARVALHO BATISTA

* O autor é vice-presidente e vereador da Cultura da Câmara da Póvoa de Varzim

Um ser raro

O padre João Francisco Marques (JFM), de quem era amigo há longos anos, foi, como eu, grande amigo e admirador de José Régio, e frequentador assíduo da tertúlia patrocinada pelo grande poeta no Diana Bar, na Póvoa de Varzim. JFM recortava uma figura cultural única, a um tempo vigorosa, fecunda e de uma extrema humildade, para não dizer auto-apa- gamento.

A sua bibliografia é imensa, nela avultando a tese de doutoramento, *A Parenética Portuguesa e a Restauração. 1640 - 1668. A Revolta e a Mentalidade*, importantes trabalhos sobre o Padre António Vieira, a missão portuguesa, a teoria e o ensino da História, etc., etc. Mas também trabalhos sobre Guerra Junqueiro, Papini, Raul Brandão, José Régio, Alberto Sampaio, Teixeira de Pascoaes e Joaquim Pacheco Neves, entre outros.

Extremamente cuidadoso, meti- culoso e rigoroso em tudo o que fazia, o padre João Marques, inteligente, sensível e infinitamente civilizado, apresentava um perfil de grande afabilidade e doçura, de que uma fina ironia não era alheia, o que tudo fazia dele um companheiro de tertúlia inesquecível.

Tive ocasião de apoiar, com grande empenho e gosto, a sua merecida escolha para presidir à direção do Centro de Estudos Regianos, de que fiz parte. Não podia ter ficado em melhores mãos. E devò-lhe, pessoalmente, páginas de análise e interpretação dos meus livros e textos, que considero admiráveis.

Era um ser raro e o seu desaparecimento representa uma enorme perda. Se houvesse um Paraíso, em que ele acreditava e eu não, estou certo de que o meu amigo João Marques estaria lá a estas horas, a ouvir a música dos anjos. EUGÉNIO LISBOA



ECOLOGIA

VIRIATO SOROMENHO MARQUES

Visões e paisagens na era do antropocénico

No próximo dia 21 de Março abre ao público, na Casa da Avenida, em Setúbal, uma exposição de Eduardo Carqueijeiro: "Lugar Fictício. Pintura. Fotografia. Vídeo. Instalações". Esta crónica de Ecologia publica, por antecipação, o texto que acompanha o catálogo da Exposição.

O que sonham as mulheres e os homens na Era do Antropocénico? Que mitos povoam o inconsciente coletivo deste tempo em que a espécie humana se espalhou pelo Planeta inteiro, lançando satélites artificiais para outros planetas, e sondas que navegam mesmo para além do sistema solar? Uma vibrante resposta é aquela que uma exposição exuberante e plural de Eduardo Carqueijeiro nos oferece* Transformando a riqueza de uma vida intensa de artista plástico, mas também de arquiteto e ambientalista, em poderosa força criativa, o artista faz cruzar neste imenso "Lugar Fictício" as constelações de um imaginário global, clássico contemporâneo e ultramoderno. Vivemos num tempo

febril, dentro de imensas bolhas simbólicas, usamos gramáticas que articulamos na fala, mas que, na verdade, nos penetram e significam, através dos nossos gestos e da nossa passagem pelo mundo, sentidos que nos transcendem. Vozes dentro da nossa voz. Mensagens que apenas pressentimos ou escutamos como débeis e indecifráveis sussurros.

Na Era do Antropocénico, a humanidade transformou-se no maior agente transformador, física e morfológicamente, à face da Terra. Somos mais de sete mil milhões de vidas, estendendo os seus medos e esperanças pelas paisagens do mundo. Alteramos a estrutura química da atmosfera. Fazemos recuar a criosfera. Esventramos a litosfera. Reduzimos a biosfera, como antes só o fizeram as colisões de meteoritos ou o eclodir de supervulcões. Perseguiu a biodiversidade, no coração das últimas florestas húmidas, ou no mais fundo da coluna de água dos oceanos. Procuramos a nossa pátria numa peregrinação infatigável, das montanhas aos oceanos, da solidão



A Torre de Babel Pintura de Eduardo Carqueijeiro

das grandes cidades às pontes sobre rios sombrios, aos pináculos dos arranha-céus, abrindo os seus braços para o nada, imitando as antigas catedrais que cresciam serenamente para Deus. Descemos à memória da Torre de Babel, esse mito da sempre adiada unidade do homem, contrastada pelas trágicas marcas dos rostos da sua estéril e sangrenta discórdia.

Eduardo Carqueijeiro representa toda esta vertigem através dos múltiplos modos do seu labor estético. Da pintura ao vídeo. Da fotografia às instalações. Antes, era um sonho de futuro a mola que fazia mover as mulheres e os

homens. Hoje, parece que queremos fugir de um pesadelo adveniente, persistindo em habitar na vigília de um improvável eterno presente. Parecemos poderosos e produtivos, mas nas feridas que rasgamos no mundo, e nas cicatrizes abertas dos nossos corpos, demoramos a compreender que só o puro silêncio permite o som límpido. Que só o reconhecimento da mortalidade, garante o exercício da força libertadora da fragilidade. Esse tesouro da condição humana. JL

*A exposição abre no próximo dia 21 de março, na Casa da Avenida, em Setúbal, e esta crónica antecipa o texto que acompanha o seu catálogo